

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Mauro Luiz da Silva

Habemus Muquifu:

Análise da criação e das coleções do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos.

Belo Horizonte
2018

Mauro Luiz da Silva

Habemus Muquifu:

Análise da criação e das coleções do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Candice Vidal e Souza

Belo Horizonte
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S586h Silva, Mauro Luiz da
Habemus Muquifu: análise da criação e das coleções do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos / Mauro Luiz da Silva. Belo Horizonte, 2018. 168 f.: il.

Orientadora: Candice Vidal e Souza
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

1. Museus - Brasil. 2. Museologia. 3. Documentação. 4. Museus históricos - Brasil - História. 5. Patrimônio cultural - Preservação. I. Souza, Candice Vidal e. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 069

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Paim Brito– CRB 6/2999

Mauro Luiz da Silva

Habemus Muquifu:

Análise da criação e das coleções do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Prof^a. Dr^a. Candice Vidal e Souza - PUC Minas (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Letícia Julião - UFMG (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Luciana Teixeira de Andrade - PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Aqui vem a parte mais difícil do trabalho de pesquisa: lembrar todos e todas, e cada um, que de alguma forma colaboraram para que mais uma jornada de minha vida pudesse ser concluída. Assim, manifesto agradecimentos:

À professora e orientadora Dr.^a Candice Vidal e Souza que, com sensibilidade e atenção, apontou caminhos para que essa pesquisa se pautasse pela ética o mais possível. Pela seriedade e amplitude de seus conhecimentos, que me foram disponibilizados através de sua generosidade acadêmica e que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Aos docentes-pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com os quais mantive diálogos qualificantes sobre teorias e práticas nas Ciências Sociais. Do mesmo modo, agradeço a Ângela, secretária do programa, sempre disposta a me ajudar nos trâmites burocráticos.

Ao Magnífico Reitor da PUC Minas, Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães, pela concessão da bolsa integral no período 2016-2017.

Às professoras Letícia Julião, da UFMG, e Luciana Teixeira de Andrade, da PUC Minas, por participarem tanto da banca de qualificação, o que me possibilitou uma ampla revisão do texto produzido até então, quanto desta banca de defesa da dissertação.

À professora Giuliana Tomasella, da *Università degli Studi di Padova*, que acolheu este projeto de pesquisa ainda na fase da minha graduação em História e Tutela do Patrimônio Cultural, que desenvolvi naquela universidade no período de 2008 a 2012. Agradeço pelas várias oportunidades nas quais ela me lançou palavras de incentivo e críticas pertinentes para que essa dissertação recebesse contornos teóricos mais consistentes.

À doutoranda Cidinha da Silva, a quem confiei meu *letramento racial*, por suas palavras de incentivo incondicional e pelas críticas preciosas às minhas palavras e atitudes enquanto padre negro e favelado, exigindo de mim que meu discurso não permanecesse vazio, mas que se enchesse de práticas transformadoras.

Às pessoas que me concederam entrevista e que, de certa forma, conduziram minha linha de pensamento que conduziram à redação desta dissertação, Lourdinha, Wilson, Dona Zuleica, Dona Januária e, especialmente, à doutoranda Josemeire Alves, por suas preciosas dicas e sugestões metodológicas.

Aos colegas da pós-graduação, pessoas tão queridas, pelos encontros nas aulas, nos grupos de estudos, nos corredores e no precioso *café com prosa* da varanda.

Aos estagiários em Museologia, Dalva Pereira, da Universidade Federal de Ouro Preto, José Augustos de Paula Pinto e Luciana Campos Horta, da Universidade Federal de Minas Gerais, que, concluídas suas graduações se tornaram colegas de voluntariado no Muquifu, pelos diálogos propositivos, pelas dicas epistemológicas e pelos atalhos para os meandros metodológicos.

Do mesmo modo, agradeço aos muquifeir@s Beatriz Imaculada da Paz, Bernadete Quirino, Virgínia Cândida, Alexsandro Trigger, Samanta Coan, Catharina Gonçalves, Inês Regina, Renata Coelho, entre outras e outros. Em especial, ao artista plástico e produtor cultural Cleiton Gomes da Silva que, além da profunda amizade, passou a sonhar comigo e a trabalhar efetivamente para a concretização do Muquifu.

Com muita admiração, agradeço aos moradores e as moradoras do Aglomerado Santa Lúcia que me acolheram em suas vidas cotidianas, em especial agradeço às pessoas que publicaram suas biografias no Museu, na pessoa de Dona Januária e do Wilson. Sinto que as palavras não são suficientes para demonstrar minha gratidão por ter sido acolhido e de alguma forma poder fazer parte dessa comunidade. Em especial agradeço às mulheres da Vila Estrela Dona Jovem, Emerenciana, Sá Rainha Martinha, Dona Mariana, Dona Tina e Dona Generosa (in memoriam), Maria Rodrigues, que todas as terças-feiras fervem água para fazer o chá da Dona Jovem.

Aos membros da Paróquia Nossa Senhora do Morro (PNSM), aos jovens do JUBA e JUSC e a todo aquele povo tão querido: Maria Francisca, Ronaldo Xavier, José Afonso, Rosarinha, Lalá, Magda, Dona Narcila, Zenólia que com amor, fé e com sua religiosidade tão particular, me ensinam a resistência e a persistência de ser o que são e propagam como a humanidade poderia ser melhor.

Aos membros da Paróquia Jesus Missionário, na pessoa das *minhas vigárias*, coordenadoras das comunidades: Castorina, Fátima, Maria, Rosemeire e Simone que tornaram minha chegada nesta nova experiência pastoral muito mais fácil, graças ao desprendimento e compromisso com a Missão. Agradeço, em especial, ao Ademar e à Nathália, Maria Célia e Geraldinho, Ângela Custódia e Cláudio, grandes incentivadores desta etapa, que não perderam a confiança nos meus sinceros propósitos.

Agradeço a minha família, meus irmãos queridos, especialmente a minha irmã Jaqueline, que não poupou esforços para que esta etapa se cumprisse e ao Rogério, meu *irmãozãozão*. Eles sempre me acompanharam e incentivaram bem de perto, principalmente para que esta fase da escrita não fosse algo tão solitário.

Finalmente agradeço o apoio constante do meu pai, Sr. Manoel Aloísio da Silva, com suas orações acompanhadas pelo rádio, às 3 horas da manhã, e da minha mãe, a Senhora do Jardim, Dona Wanda Mercês da Silva (*in memoriam*), que um dia saiu correndo de casa, por puro amor, pra levar até a minha escola primária as três pesquisas que eu havia desenvolvido – Insetos que vivem em colônias: Formigas, Abelhas e Cupins – e que tinham ficado sobre a Mesa do Café. Chegando à porta da sala ela olhou pra mim, com o *olhar sempre*, e disse pra professora: “Meu menino esqueceu os trabalhos dele em casa... Eu sabia que ele estaria preocupado e, por isso, vim trazer aqui, pra ele não passar aperto.”

“A democracia está perdendo os seus adeptos, no nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco, a democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome, a fome também é professora, quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças. Os políticos sabem que eu sou poetista e que o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido”.

Maria Carolina de Jesus – Quarto de despejo: Diário de uma favelada
(1960)

RESUMO

O Museu de Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu) surgiu em 2012, a partir de forças sociais e culturais mobilizadas no Morro do Papagaio nas décadas de 1990 e 2010 pela Juventude Unida da Barragem, pela Comissão de Direitos Humanos, pelos membros da Paróquia Nossa Senhora do Morro, pelo Projeto Caminhada pela Paz, pelo Quilombo do Papagaio e por moradores engajados nas problemáticas do tempo presente. O Museu realiza exposições com temáticas relacionadas ao acervo de problemas da comunidade, organiza ações educativas e eventos culturais e, do mesmo modo, expõe objetos que narram as memórias e as histórias de moradores das vilas que compõem o Aglomerado Santa Lúcia. Em minha pesquisa, busquei compreender os processos que levaram à criação do Muquifu e à organização de suas coleções, buscando interpretar a ressonância do seu acervo de objetos tanto dentro quanto fora da comunidade onde está localizado o museu, assim como as forças culturais dos quais emergiram. Para conhecer a instituição utilizei a observação e realizei entrevistas orais com o objetivo de escutar as narrativas dos moradores sobre os objetos colecionados e expostos no Museu. Por meio da produção desses dados e em interlocução com a revisão bibliográfica do campo da tutela do patrimônio cultural e da museologia comunitária pude apreender como as narrativas dos objetos criam pontes entre as experiências de mundo daqueles que trazem o objeto e os visitantes, moradores e não moradores, compondo, assim, um fundamental encontro de diferenças. Assim o Muquifu, respaldado no processo participativo e comunitário que o gestou, afirma-se na categoria de museus voltados para o *poder da memória*, pois possibilita a partilha do sensível, que exige a dimensão estética, ética e política de quem fala e de quem escuta.

Palavras-chave: Muquifu – Museu – Museologia Comunitária – Museologia Social – Memórias – Narrativas.

ABSTRACT

The Museum of Urban Quilombos and Favelas (Muquifu) emerged in 2012 from social and cultural forces mobilized in Morro do Papagaio in the 1990s and 2010 by the United Youth of the Barragem, the Human Rights Commission, the members of PNSM, the Project Walk for Peace, Quilombo do Papagaio and by residents engaged in the issues of the present time. The Museum holds exhibits with themes related to the collection of community issues, organizes educational activities and cultural events and, in the same way, it exposes objects that tells about the memories and the stories of residents of the small villages that make up the St Lucia Favela. In my research, I sought to understand the process that led to the creation of Muquifu and the organization of their collections, I seek to interpret the resonance of their collection of objects both inside and outside the community where the museum is located, as well as the cultural forces from which they emerged . In order to know the institution, I used observation and conducted oral interviews with the purpose of listening to the residents' narratives about the objects collected and exhibited in the Museum. Through the production of these data and interaction with the bibliographical revision of the field of cultural heritage patronage and of community museology, I was able to understand how the narratives of objects create bridges between the experiences of the world of those who bring the object and the visitors, residents, thus composing a fundamental meeting of differences. Thus, Muquifu, supported by the participatory and community process that developed it, is placed in the category of museums focused on the “power of memory”, since it enables the sharing of sensibility , which requires the aesthetic, ethical and political dimension of the speaker and listener.

Keywords: Muquifu - Museum - Community Museology - Social Museology - Memories - Narratives.